

# Percursos da pesquisa relacionada ao uso de textos do Antigo Testamento pelo Apocalipse – breve itinerário (Parte II)

Paths of research related to the use of texts from the Old Testament by the Book of Revelation – short itinerary (Part II)

MARIA CLARA DA SILVA MACHADO\*

**Resumo:** Nos últimos anos, a pesquisa bíblica tem debruçado-se sobre o tema da utilização dos textos veterotestamentários pelo Apocalipse, pois o recurso ao patrimônio do Antigo Testamento pelo autor do Apocalipse não se restringe à mera citação. De fato, há uma aplicação daquele conteúdo no texto neotestamentário com a intenção de construir um novo conhecimento, ou seja, o autor parece desejar oferecer ao elemento antigo uma compreensão totalmente nova e aprofundada. Por outro lado, poder-se-ia ainda, cogitar a vontade deliberada de proporcionar contatos intertextuais que imputariam ao novo texto uma complexidade elevada.

**Palavras-chave:** Apocalipse. Textos veterotestamentários. Profetas. Dependência literária.

**Abstract:** In recent years, biblical research has leaned up on the subject of use of Old Testament texts by Revelation, since the use of the heritage of the Old Testament by the author of Revelation is not restricted to mere quotation. In fact, there is an application of that content in the New Testament text with the intention to build a new knowledge, that is, the author seems to want to offer

---

\* Doutora em Teologia Bíblica pela PUC-Rio de Janeiro. Coordenadora do curso de pós-graduação *lato sensu* em Teologia Bíblica da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Professora de Sagrada Escritura das seguintes instituições: Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro e do Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. E-mail: claramachado@ibest.com.br

the old element a whole new and deeper understanding. On the other hand, one could also entertain the deliberate will to provide intertextual contacts granting the new text a high complexity.

**Keywords:** Apocalypse. Old Testament texts. Prophets. Literary dependence.

### 1.3. As relações dos textos de Isaías, Jeremias e Daniel com o Apocalipse

#### Introdução

O interesse pela pesquisa analítica do modo como os textos proféticos foram usados no Apocalipse vem tornando-se cada vez maior nos últimos tempos<sup>1</sup>. Ao que tudo indica, o autor sagrado recorre às imagens, figuras, expressões do Antigo Testamento, de maneira pessoal e independente, dando um significado diverso e desfrutando do material antigo para construir algo novo. Em alguns momentos, porém, este uso criaria uma série de contatos intimamente ligados a outros textos, o que acarretaria inúmeras dificuldades na interpretação do Apocalipse.

Os vínculos entre textos levariam a crer que a chave para elucidar este livro estaria na compreensão do modo pelo qual os textos veterotestamentários foram tomados no último livro do Novo Testamento e postos em conexão. Os maiores estudos dedicaram-se, sobretudo, a uma análise da relação do Apocalipse com Daniel, Isaías, Jeremias e Ezequiel. Este último receberá, de nossa parte, especial atenção em decorrência de sua importância para o livro do Apocalipse. Passamos, pois, a observar, de maneira sintética, alguns textos utilizados pelo autor do Apocalipse.

#### 1.3.1. As relações com Isaías, Jeremias e Daniel

##### a) as relações com Isaías

A presença do texto do Dêutero-Isaías no Apocalipse foi abordada por

<sup>1</sup> Dado o escopo de nosso trabalho, nos restringiremos ao estudo de alguns textos proféticos e do livro de Daniel no Apocalipse. Todavia, outros trabalhos dedicam-se a compreender a presença de outros textos veterotestamentários no Apocalipse: FEUILLET, 1961, p. 321-353; Id., 1986, p. 2-14; ATKINSON, 2001; MOYISE, 2004.

Attilio Gangemi<sup>2</sup> e é classificada em diversos tipos: *ad litteram*<sup>3</sup>, *quasi ad litteram*<sup>4</sup>, utilização com sentido, simples alusão ou reminiscência. Haveria ainda o recurso a elementos e alusões genéricas de índole temática (GANGEMI, 1974).

Os textos *ad litteram* e *quasi ad litteram* possuiriam expressões estreitas com o texto deuteroisaiano; as possíveis diferenças detectadas teriam sua origem na intenção do autor neotestamentário.

Os textos utilizados com sentido<sup>5</sup> teriam sofrido mudanças terminológicas ou estruturais introduzidas pelo autor, que os modelaria com maior liberdade. A simples alusão ou possível reminiscência são textos nos quais o autor do Apocalipse apenas alude mais ou menos claramente a alguns textos deuteroisaianos<sup>6</sup>.

Gangemi (1974) considera que o autor do Apocalipse usa o dêutero-Isaías, em alguns momentos, como uma *imagem de fundo*, ou seja, o texto que serviria como orientação para a composição do cenário é aquele de Isaías, embora existam relações com outros textos, conforme procurou evidenciar com o estudo de Ap 5,6-10<sup>7</sup>. Um outro recurso na utilização do dêutero-Isaías seriam

<sup>2</sup> O número de citações de Isaías no Apocalipse na visão de Gangemi, não seria excessivo, uma vez que seriam encontradas apenas 27 citações.

<sup>3</sup> Os textos citados *ad litteram* são encontrados em Ap 1,17; 2,8; 22,13 e relacionados com Is 41,4; 44,6 e 48,12. Os dois últimos textos, na opinião de Gangemi, correspondem perfeitamente do ponto de vista literário e com acentos também sobre a teologia, o primeiro embora possuindo diversidade quanto às expressões possui afinidades quanto ao conteúdo (Cf. GANGEMI, 1974, p. 112-113).

<sup>4</sup> Os textos *quasi ad litteram* propostos são: Ap 1,16 e Is 49,2; Ap 7,16 e Is 49,10; Ap 14,3 e Is 42,10; Ap 21,10 e Is 52,1; Ap 21,5 e Is 43,19. Nesta seção, Gangemi observa que surpreende o emprego de expressões idênticas existindo, porém, diferenças quanto à perspectiva de cada autor. O autor do Apocalipse introduziria algumas alterações com relação ao Texto Hebraico sem que isto modifique substancialmente o texto seja do ponto de vista terminológico, como também da construção das frases, esta mutação seria consequência do novo contexto onde o texto encontra-se aplicado (Cf. GANGEMI, 1974, p. 114-115).

<sup>5</sup> Para tanto são propostos os seguintes textos: Ap 6,12 e Is 50,3; Ap 12,12 e Is 44,23; 49,13; Ap 18,7,8 e Is 47,7-9; Ap 21,27 e Is 52,1; Ap 22,17 e Is 55,1.

<sup>6</sup> Respectivamente: Ap 21,2 e Is 49,18; 54,5; Ap 1,5 e Is 55,4; 43,9-12; 44,8; Ap 3,9 e Is 43,4; Ap 3,18 e Is 55,1; Ap 12,14 e Is 40,31.

<sup>7</sup> Gangemi conclui que esta perícope recebeu influência do texto do deuteroisaiano bem como do Êxodo. Os pressupostos de Gangemi decorrem da necessidade do autor do Apocalipse possuir uma idéia de fundo que suprisse a carência da descrição do Êxodo. Assumindo o texto do dêutero-Isaías como texto base de Ap 5,6-10, todos os elementos do Êxodo presentes nesta perícope deveriam ser retomados a partir do dêutero-Isaías (Cf. GANGEMI, 1974, p. 133-144). O tema central desta perícope é a figura do ἀρνίου. Dois autores destacaram-se na pesquisa sobre a origem do termo ἀρνίου no Apocalipse: J. Comblin, que defende a tese do termo estar vinculado a Is 53,7ss sem negar a relação deste com o cordeiro pascal do Êxodo e um vínculo

os *elementos isolados* e a *temática*<sup>8</sup>, extraídos do deuteroisaiano e reelaborados no texto do Apocalipse.

A presença dos textos do deuteroisaiano no Apocalipse poderia ser entendida ainda como afinidades de ordem literária e temática, conforme Benito Marconcini<sup>9</sup>. Ambos os textos são trabalhos literários destinados a comunidades sofredoras: o IIº Isaías foi dirigido aos exilados e o Apocalipse a cristãos que padeciam com a perseguição.

A presença do texto de Isaías no Apocalipse foi estudada recentemente por J. Fekkes<sup>10</sup>. Este autor buscaria dar validade às alusões de Isaías presentes em Ap 21,1-22,5 classificando-as em três níveis: certeza virtual, probabilidade/possibilidade e improvável/duvidoso<sup>11</sup>. Fekkes deseja também determinar qual foi a estratégia do autor sagrado quando alude a um texto de Isaías e de sua tradição histórica. Ao final de sua pesquisa, conclui que o autor sagrado selecionou textos conscientemente e com propósito claro (FEKKES, 1994). O uso, porém, não se encontraria limitado pelo Antigo Testamento; antes, o Apocalipse o transcenderia. Esta transcendência poderia ser encon-

---

com a apocalíptica. Holtz, por sua vez, prefere ligá-lo ao contexto do Êxodo, sem admitir um vínculo com a apocalíptica (Cf. COMBLIN, 1965; HOLTZ, 1962).

<sup>8</sup> Gangemi propõe cinco temas presentes no Apocalipse cujo pressuposto seria a temática tratada no texto deuteroisaiano: a transcendência de Deus, presente nos textos de Is 41,5; 44,6; 48,12b e Ap 1,7; 2,8; 22,13. O tema da redenção e do servo tratado em Is 41,8-14; 43,1-3, 45,16-18; 42,1-7; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12 e Ap 1,16; 2,12; 19,15. O juízo contra Babilônia em Is 43,14; 48,14.20; e Ap 12,9; 13,2; 17-18. A salvação tema caro a Isaías 43,11; 45,17; 40,29; 41,18.19; 42,14-16; 43,1.2; 44,3-4; 49,9.13; 52,1-7; 54,3-5 é tratado no Ap como libertação da tribulação, como se vê em Ap 7,16-17. O fazer novas todas as coisas: a Nova Jerusalém teria seu amparo temático em Is 43,19; 42,9; 43,19; 48,6; 41,22; 42,2 o autor do Apocalipse recorre exatamente ao mesmo tema: fazer novas todas as coisas em Ap 21,4-5.

<sup>9</sup> Segundo o autor, as relações entre o Apocalipse e Isaías seriam detectadas a partir dos seguintes critérios: interpretação e enriquecimento. A utilização que o Apocalipse faz de Isaías poderia ser entendida a partir de cinco citações literais, onde a referência textual identifica-se com o contexto. Em um caso específico o texto de Isaías foi elaborado com uma maior liberdade de construção fazendo com que a relação entre os dois textos torne-se tênue o que resulta em um texto composto seja pela união de novos textos extraídos de Isaías, seja pela introdução de motivos tomados de outros livros (Cf. MARCONCINI, 1976, p. 113-136).

<sup>10</sup> Fekkes propõe para análise os seguintes textos: experiência visionária: Is 6,1-4; títulos cristológicos: Is 11,4-10; 22,22; 44,6; 65,15. Escatologia de julgamento: dia do Senhor: Is 2,19; 34,4; 63,1-3; oráculos sobre as nações: Is 13,21; 21,9; 23,8.17; 34,9-14; 47,7-9. Escatologia de salvação oráculos de salvação: Is 65,15; 61, 10; 60,14; 49,10; 25,8; oráculos sobre a Nova Jerusalém Is 52,1; 54,11-12; 60,1-3.5.11.19 (Cf. FEKKES, 1994; Id., 1990, p. 269-287).

<sup>11</sup> Nomenclatura semelhante pode ser encontrada no material de Attilio Gangemi sobre Isaías: *ad litteram*, Ap 1,17; 2,8 22,13 com Is 41,4; 44,6 e 48,12; *quasi ad litteram*: Ap 1,16 e Is 49,2; Ap 7,16 e Is 49,10; Ap 14,3 e Is 42,10; Ap 21,10 e Is 52,1; Ap 21,5 e Is 43,19.

trada também em qualquer outra fonte da qual o Apocalipse tenha recebido alguma influência.

b) as relações com Jeremias

O texto de Jeremias e suas relações com o Apocalipse foi alvo da pesquisa de Giovanni Deiana (1982, p. 125-137). Este autor visaria evidenciar especialmente as divergências, afinidades e os novos significados assumidos pelas citações do texto veterotestamentário no Apocalipse. A interpretação do Apocalipse dependeria de uma boa compreensão dos textos antigos e sua função no novo texto<sup>12</sup>.

A afinidade de expressão seria um exemplo destas alterações encontrado em Ap 7,17 e Jr 2,13. Neste texto, as semelhanças materiais e dessemelhanças tornariam pouco provável a dependência direta do texto jeremiano. Deste modo, seria mais pertinente classificá-lo como uma livre referência<sup>13</sup>. O tema comum estaria presente em Ap 7,17c e Jr 31,16. Este tema comum, contudo, seria bastante reduzido, tornando difícil a identificação da fonte usada pelo autor do Apocalipse. De fato, a mesma imagem pode ser encontrada em Is 25<sup>14</sup>.

Em decorrência da escassez de termos literários e da existência da mesma imagem de Ap 11,5 e Jr 5,14 em 2Rs 1,10, Deiana levantou a hipótese de uma fusão de muitos textos veterotestamentários pelo autor do Apocalipse<sup>15</sup>. Esta fusão tomaria a imagem, transformando-a e recorrendo a outros textos veterotestamentários, de modo que tornaria impossível a verificação precisa de sua fonte literária.

Uma real influência de Jeremias sobre o texto de Apocalipse encontraria-se em Ap 2,23 e Jr 11,20; 17,10, cujo vocabulário, de fato, pertenceria ao patrimônio literário de Jeremias. As divergências estariam vinculadas ao gênero literário distinto das duas obras<sup>16</sup>. Devido a estas divergências, não se poderia

<sup>12</sup> Textos propostos para a análise: Jr 1,10; 25,30 e Ap 10,11; Jr 2,13; 31,10; 31,16 e Ap 7,17; Jr 5,14 e Ap 11,5; Jr 11,20; 17,10 e Ap 2,2; Jr 4,29 e Ap 6,15; Jr 16,19 e Ap 15,4; Jr 10,7 e Ap 15,3b-4<sup>a</sup> (Cf. DEIANA, 1982, p. 126).

<sup>13</sup> A reminiscência entre Ap 7,17 e Jer 2,13 já teria sido detectada anteriormente por Nestle, Merck e Dittmar e considerada autêntica (Cf. DEIANA, 1982, p. 130).

<sup>14</sup> Deiana considera que o texto de Is 25 pareceria mais pertinente do que o de Jeremias onde são encontrados apenas contatos através de vocábulos empregados (Cf. DEIANA, 1982, p. 130).

<sup>15</sup> Aqui Deiana propõe que o autor do Apocalipse teria feito uma fusão de textos veterotestamentários (Cf. DEIANA, 1982, p. 131).

<sup>16</sup> Sendo o texto de Jeremias oriundo de um contexto poético, teria sofrido uma simplificação pelo autor do Apocalipse para inseri-lo no ritmo da sua obra (Cf. DEIANA, 1982, p. 133).

falar de citação propriamente dita em Ap 2,23, mas, somente de uma reprodução quase literal (DEIANA, 1982, p. 133).

A partir dos estudos destes exemplos, Deiana (1982) conclui que os textos analisados permitiriam falar apenas de uma referência, que possui um sentido mais genérico do que aquele de citação, pois o autor do Apocalipse usa o Antigo Testamento de maneira livre, transformando-o com o auxílio de outros textos veterotestamentários, de tal forma que a identificação torna-se difícil.

c) as relações com Daniel

São tratadas particularmente por G. K. Beale (1984a, p. 159), que observa mais atentamente os textos de Ap 1; 4-5; 13 e 17 e sua relação com Daniel<sup>17</sup>. A referência a este texto, contudo, não seria padronizada, incorrendo em alterações exclusivas de Daniel, classificadas como referência prioritária<sup>18</sup>, enquanto em outros momentos os textos de Daniel seriam denominados como secundários<sup>19</sup> ou admitindo contatos<sup>20</sup>. Quanto ao uso do material de Daniel, este poderia ser classificado em três categorias: clara alusão, provável alusão com variações redacionais e possível alusão ou eco (Cf. BEALE, 1984a, p. 43).

A presença de alguns temas comuns entre o Apocalipse e Daniel, tais como julgamento das nações perversas, o poder absoluto de Deus e a recompensa de Deus àquele que permanecer fiel apesar dos sofrimentos, forneceria instrumentos para concluir que o tema do julgamento escatológico cósmico estaria baseado em Daniel<sup>21</sup>.

<sup>17</sup> Para Beale a influência da tradição histórica de Daniel poderia ser encontrada na literatura Qumrânica, na apocalíptica judaica de 1 Enoc, no Testamento de Josefo, 4 Esdras e 2 Baruc, além do Apocalipse.

<sup>18</sup> Em Ap 1,7, Beale detecta uma referência a Dn 7,13 que, embora esteja combinada com Zc 12,10-12 não recebe sua atenção. Beale ignora que esta mesma combinação já tenha ocorrido em Mt 24,30 e venha a ser, possivelmente, a referência prioritária do texto (Cf. BEALE, 1984a, p. 154-156).

<sup>19</sup> Encontramos em Ap 1,13 a presença de Dn 10,5, a presença de Ez 9,2.11, por sua vez, é considerada de menor valor.

<sup>20</sup> Em Ap 1,14b-15a a imagem derivada de Dn 10,6 retorna, porém agora, Beale considera que acompanhada de Ez 1,7. Do mesmo modo, Ap 1,15b alude a Dn 3,26, mas possui como ligação íntima a cena de Ez 1,24 e 43,2.

<sup>21</sup> Beale fundamenta seu argumento na hipótese da presença de alusões de Dn 2,28-29 em Ap 1,1; 1,19; 4,1; 22,6. Em Ap 1,1, Beale entende que o autor do Apocalipse usa uma alusão que porta o contexto escatológico de Dn 2. Sendo assim, Ap 1,19.20 e seus contatos com Dn 2,45 reforçariam a tese de uma estrutura baseada em Dn e na “escatologia realizada” (Cf. BEALE, 1984a, p. 277-285).

Numerosas referências e similaridades de termos poderiam ser detectadas entre Ap 1 e Dn 7 e 10. A densidade destas alusões em Ap 1,12-20 levou Beale a propor que Ap 1,8-20 seja um midrash de Dn 7 e 10. A perícopete de Ap 1,1-6 seria uma introdução a este midrash que teria na figura do Filho do Homem o seu cerne<sup>22</sup>. Deste modo, a presença de Dn 7 em Ap 1 não poderia ser classificada como aleatória, e sim, teria uma implicação teológica bastante precisa: servir à Cristologia<sup>23</sup>.

A busca para uma justificativa para a presença das referências a Ezequiel e a Zacarias em Ap 1 seria explicada pela ação do autor sagrado, que teria tomado o cuidado de “enxertar” neste “midrash de Daniel” temas afins que teriam sido atraídos pelo texto de Dn 7, 9-27<sup>24</sup>. A esta “atração” Beale denomina *magnetismo hermenêutico* (1984a, p. 174).

Ap 13 é considerado por Beale (1984b) como a perícopete que mais recebeu influência de Daniel. Constata semelhanças entre Dn 7,3-6 e a visão das quatro bestas, em Ap 13,1-8 e em Ap 13,11-17. A estrutura de Ap 13 estaria baseada em Dn 7, pautando-se em um “esquema de autorização”<sup>25</sup>. Beale, (1984b) contudo, não desconsidera a presença através do “magnetismo hermenêutico” (Cf. BEALE, 1984a, p. 245).

Existem, segundo Beale, semelhanças que favorecem identificação da presença de Dn 7 em Ap 17. O texto seria um exemplo claro da influência de Daniel sobre o Apocalipse<sup>26</sup>. Apesar de uma inegável presença de outros textos do Antigo Testamento nesta seção, Beale (1984a) prefere optar por uma base da estrutura vinculada a Dn 7.

<sup>22</sup> Beale argumenta que Ap 1,1-6 serve de introdução ao midrash do Ap. Este teria por cerne a figura de Filho do Homem introduzido no v. 7. Para dar suporte a esta tese, Beale apresenta uma tabela com a estrutura de Ap 1 e Dn 7 (Cf. BEALE, 1984a, p. 171). As perícopes Ap 1,7 e Dn 7,13 e Ap 4-5, foram analisadas particularmente por Turibio Cuadrado. A presença de Daniel no texto do Apocalipse, contudo, não seria exclusiva como entende Beale (Cf. TORIBIO CUADRADO, 1992, p. 9-56; Id., 1996, p. 9-65).

<sup>23</sup> O texto de Dn 7 e 10 foi empregado como sentido de interpretação e cumprimento da profecia de Dn 7, esta estaria realizada com a ressurreição de Cristo (Cf. BEALE, 1984a, p. 177).

<sup>24</sup> A mesma definição foi empregada em Ap 4-5, onde a influência de Ez 1-2 estaria restrita a Ap 4,1 e 5,1 dissolvendo-se a partir de 5,2. A presença de Is 6, nesta seção, não recebe atenção da parte de Beale (Cf. BEALE, 1984a, p. 183-184).

<sup>25</sup> Sobre a questão da influência do livro de Daniel na formação da estrutura do Apocalipse ver: BEALE, 1984b, p. 413-423.

<sup>26</sup> Com relação ao texto de Ap 17, Beale observa que os vv. 1-4 derivam diretamente de Dn 7 já 5-16a são classificados como uma provável alusão ao texto de Daniel, posto que, muitos são os termos que indicam a existência de semelhanças que favorecem a presença de Dn 7 em Ap 17 (Cf. BEALE, 1984a, p. 265-267).

Observando os textos de Dn 1,19; 2, 28-29.45 e comparando-os com Ap 4,1 e Ap 22, 6, Beale julga que se encontrariam afinidades literárias capazes de aproximar o Apocalipse do texto de Daniel. Ap 22,6, que serviria como conclusão, recordaria a mesma frase de Dn 2,28.

A influência de Daniel sobre a estrutura do Apocalipse, na visão de Beale, possuiria elementos que atingiriam a totalidade da obra e influenciariam igualmente sua teologia. Partindo destas observações, Beale convenceu-se de que o Apocalipse depende mais de Daniel do que de qualquer outra obra do Antigo Testamento.

Tendo como pressuposto que o Apocalipse seria uma reinterpretação de um fato antigo marcante aplicado ao momento histórico vigente com vistas a estimular os que padecem uma perseguição, Beale crê ser o Apocalipse um midrash de Daniel.

Em síntese:

As teses apresentadas convergem quando tratam do tema do manejo dos textos mais antigos pelo autor sagrado: ele age com liberdade. Os textos usados em uma determinada seção do Apocalipse foram selecionados, não pertencem a um subjetivismo da parte do autor.

Esta seleção primorosa estaria ligada à intenção teológica, particularmente, a serviço de uma cristologia. Seriam utilizados particularmente os textos proféticos e o livro de Daniel. Os usos poderiam ter uma ênfase mais acentuada ou não de acordo com o próprio interesse do autor sagrado por determinado tema contido em um determinado livro.

De modo geral, as teses seguem o critério literal e linguístico, cujo objetivo seria o de identificar se a presença do texto ocorre em forma de citação literal ou quase literal, conforme Gangemi, ou segundo Fekkes, possibilidade/probabilidade, improvável/duvidoso. Embora este critério fosse capaz de responder à questão sobre a fonte que inspirou o autor sagrado quando confeccionou uma seção, não o seria na resposta à questão da motivação para a presença deste texto específico naquela seção.

Quando a dependência não ocorre de forma clara, como acenou Deiana, a identificação do texto subjacente tornar-se-ia muito mais difícil, pois, em muitos casos, o autor sagrado teria recorrido a textos que possuiriam contatos com outros textos. Sendo assim, seriam melhor entendidos através de uma

fusão de textos, cujo objetivo seria a transformação da imagem considerando as nuances presentes ao longo da Escritura.

Um outro ponto de convergência estaria no conhecimento dos materiais que o autor sagrado usou para confeccionar o seu texto, sem o qual a compreensão do mesmo tornar-se-ia extremamente laboriosa. Sobre o modo como o autor sagrado usou o material mais antigo, a categoria da reinterpretação de textos tem recebido maior apoio dos três autores.

Beale possui uma linha de trabalho peculiar. Ele concentrou-se sobre os capítulos 1; 4-5; 13 e 17 do Apocalipse e desta análise tira conclusões que considera válidas para todo o livro. O pressuposto desta conclusão pode ser encontrado no modo como Beale usa o termo “midrash”, considerado por alguns autores destituído de uma precisão. Dentre eles encontramos Wright e Adela Yarbro Collins.

Wright (1966) define um midrash como um texto que se obtém a partir de um primeiro texto e somente por meio deste existiria o segundo<sup>27</sup>. Sendo assim, o midrash retiraria do autor sagrado a autonomia sobre a fonte que utiliza e criaria um impasse diante dos demais textos a que recorreu o autor neotestamentário. O midrash dá ao texto passado mais ênfase. O novo texto, ao reler o antigo, fica “aprisionado” em seu universo próprio sem grandes passos criativos. Com esta caracterização, o midrash traria uma limitação para o autor do Apocalipse, seu horizonte de trabalho estaria cerceado pela fronteira do texto utilizado, neste caso o de Daniel, colocando-o em confronto com a tese de Beale de liberdade do autor diante da fonte a ser utilizada. O autor sagrado, de fato, vai além de uma releitura, ele interpreta os textos do Antigo Testamento à luz do Mistério Pascal. Desta forma, sua leitura supera o próprio horizonte onde sua fonte se encontra.

A crítica mais enfática ao trabalho de Beale pertenceria a Adela Yarbro Collins (1986, p. 1-11). Segundo a autora, a tese de Beale sobre o uso de Dn 7 em Ap 4-5 estaria mais na linha de mera suposição, de uma visão parcial, sem constituir uma real linha de pesquisa. De fato, Beale parte do princípio que o autor sagrado tem como intenção produzir uma releitura, logo, um midrash, do livro de Daniel. Ao mesmo tempo defende que o novo texto possua elementos de criatividade.

<sup>27</sup> Cf. WRIGHT, 1966, p. 105-138. Ver também: LE DEAUT, 1969, p. 395-413; PORTON in: NEUSNER (ed.), 1981, p. 55-92; STRACK & STEMBERGER, 1982; NEUSNER, 1983, p. 197-207. Longa e específica literatura foi compilada por HAAS in: NEUSNER (ed.), 1992, p. 193.

Um dado não muito preciso é o “magnetismo hermenêutico” usado para justificar a presença de outros textos interagindo na perícopes, como ocorre com Ez 1-2 em Ap 4-5. A defesa de uma dependência de Dn 7 pode ser um excesso tendo em vista que numerosos textos veterotestamentários exercem influência sobre textos onde, também, Daniel se faz presente, mas não de modo exclusivo.

Não fica claro por que Beale não recorreu aos trabalhos de Vanhoye e às suas hipóteses para a presença de textos ezequielianos nesta seção. O mesmo ocorre em Ap 17-18, nos quais, novamente não há uma alusão aos trabalhos de Boismard e Vanhoye, que já haviam indicado a presença de Ez e outros textos do Antigo Testamento nestes textos com expressiva correspondência.

Sobre a forma como determinado texto é empregado temos três distinções: clara dependência, provável alusão e possível alusão. No entanto, ao longo de seu trabalho utiliza com frequência os termos influência e dependência quase como sinônimos. Em um comentário posterior, Beale reafirma sua tese e a aprofunda ainda mais classificando a presença de Daniel no Apocalipse como um protótipo de estrutura seguido por este livro neotestamentário como uma sincronia de paralelos (Cf. BEALE, 1999, p. 87).

### 1.3.2. A dependência para com Ezequiel

De acordo com o The Greek New Testament, encontram-se no Novo Testamento 138 alusões ao texto de Ezequiel. Destas, 84 estão no Apocalipse. Além do índice acentuado, impressiona o modo como o autor sagrado mantém a mesma ordem das cinco seções do livro profético em seu material: Ez 1 e Ap 4; Ez 9-10 e Ap 7-8; Ez 16 e 23 e Ap 17; Ez 26-27 e Ap 18; Ez 37-48 e Ap 20-22 (Cf. NESTLE-ALAND, 2001). Estas características geraram, na segunda metade do último século, vários estudos com perspectivas que vão desde a análise da intenção do autor até ao diálogo de um texto com outro texto e com as diversas tradições judaicas contemporâneas à confecção do Apocalipse.

A presença da profecia de Ezequiel no Apocalipse foi estudada particularmente por Albert Vanhoye (1962, p. 436-476). Este recorre a uma abordagem que prestigia a intenção do autor para analisar os casos de citações explícitas, leves retoques e “*utilisations d'ensembles*”.

As chamadas “citações explícitas” testemunhariam Ezequiel textualmen-

te<sup>28</sup>. Os *leves retoques*<sup>29</sup> seriam utilizações mais livres do texto. O autor do Apocalipse teria acrescentado detalhes ao texto de Ezequiel. Há ainda alguns casos de palavras soltas que conduzem a uma tênue citação. Este procedimento indicaria uma grande criatividade do autor neotestamentário ao trabalhar o texto de Ezequiel, selecionando temas e expressões que melhor serviam ao seu intento redacional<sup>30</sup>.

As “*utilisations d'ensembles*”<sup>31</sup> permitiriam uma melhor apreciação da influência de Ezequiel sobre o autor do Apocalipse, já que nesta modalidade encontraríamos mais do que correspondência verbal e citações exatas; haveria também uma dependência temática.

A dependência, contudo, não tornaria o autor do Apocalipse servo do texto de Ezequiel. De fato, ele não reproduziria exatamente o material no qual se inspira, o que tornaria raros os casos de citações. Os textos seriam reelaborados, colocados em contato com outros textos do Antigo Testamento, mas mantendo a ênfase em Ezequiel<sup>32</sup>.

Ap 4,1 indicaria uma maior presença do texto do profeta Ezequiel. Nele o autor do Apocalipse teria conservado a mesma estrutura visionária do texto antecedente. Já Ap 20,8 e Ez 38 e 39 testemunharia um conhecimento penetrante dos profetas antigos e uma perfeita familiaridade com o modo com que se expressaram.

Esta forma de trabalhar os textos mais antigos teria conferido ao Apoca-

<sup>28</sup> Respectivamente: Ap 1,15 e Ez 43,2; Ap 10,10 e Ez 3,3; Ap 18,1 e Ez 43,2. Nestas citações duas pertencem a Ez 43,2 e ambas estão em um contexto de epifania.

<sup>29</sup> Por exemplo: Ap 7,14 e Ez 37,3; Ap 11,11 e Ez 37,10; Ap 18,19 e Ez 27,30; Ap 18,21 e Ez 26,21.

<sup>30</sup> Expressões que remetem ao patrimônio linguístico de Ez: Ap 17,1,4; 16,23, o julgamento da grande prostituta recorreria ao vocabulário de Ez 16 e 23 adotando os termos “prostituta”, “se prostituir”, “prostituição”, “impureza”, “abominação”. O vocábulo “sangue” de Ap 17,6 evocaria o sangue da infidelidade de Ez 16,38; 23,45 dentre outros. O termo taça de Ap 17,4 e Ez 23,31-33 possuiria diferença de sentido com relação à taça de Ez.

<sup>31</sup> As *utilisations d'ensembles* são: Ap 4,1-8 a visão celeste, inspirado em Ez 1,10; Ap 5,1 e de forma breve Ap 10,1-4.8-11 episódio do livro que deve ser engolido utilizaria Ez 2,8-3,3; Ap 17,1-6.15-18 quando descreve a grande prostituta inspirar-se-ia em Ez 16 e 23 com suas acusações contra a prostituição de Jerusalém; Ap 18,9-19, lamentações causadas pela queda de Babilônia, ecoam as lamentações provocadas pela queda de Tiro de Ez 26 e 27; Ap 19,17-21 o festim das aves de rapina e da besta após a derrota de Gog corresponderia a Ez 39,4.17-20; Ap 20,8-9 evocaria de modo sintético a invasão de Gog e sua derrota de Ez 38-39; Ap 11,1-2 e Ap 21,10-27 usam duas vezes as medidas do Templo e da Nova Cidade de Ez 40-48; Ap 22,1-2 o rio de água viva estaria inspirado na torrente do Templo de Ez 47 (Cf. VANHOYE, 1962, p. 440-441).

<sup>32</sup> Como ocorreria em Ap 17,4. O texto principal seria aquele de Ez 23,31, mas Jr 51,7 possuiria contato íntimo pelo vocabulário (Cf. Vanhoye, 1962, p. 442).

lipse uma coesão em sua estrutura. Tal condição estaria ligada ao fato de o autor tomar cada texto antigo com uma intenção redacional precisa e não como um aglomerado de textos justapostos. Há uma linha de pensamento do início ao fim da obra (Cf. VANHOYE, 1962, p. 466).

Por fim, Vanhoye conclui que o autor sagrado combinou diversos textos veterotestamentários em um único texto, comprovando a admirável habilidade e intimidade que possuía com os textos do Antigo Testamento.

Vanhoye estuda o recurso ao texto de Ezequiel a partir dos seguintes capítulos do Ap: Ap 4,1-8 e Ez 1,10; Ap 5,1; 10,1-4.8-11 e Ez 2,8-3,3; Ap 17,1-6.15-18 e Ez 16 e 23; Ap 18,9-19 e Ez 26 e 27; Ap 19,17-21 e Ez 39,4.17-20; Ap 20,8-9 e Ez 38-39; Ap 11,1-2 e Ap 21,10-27 e Ez 40-48; Ap 22,1-2 e Ez 47.

Uma outra proposta é a de M. D. Goulder (1981, p. 342-367). O autor parte do pressuposto de uma clara sistematização no uso da profecia, tendo em vista que o Apocalipse seguiria o esboço traçado por Ezequiel. Para tanto, propõe um distanciamento da análise literária<sup>33</sup> e uma aproximação com a explicação litúrgica<sup>34</sup>, além do alinhamento entre o Apocalipse e o calendário judaico<sup>35</sup>.

<sup>33</sup> De acordo com o estudo de Goulder, a análise literária contemplaria a possibilidade do material do Ap ter sido composto a partir de um uso aparente e limitado ao texto de Ez. Esta hipótese foi posteriormente classificada como implausível pelo próprio pesquisador.

<sup>34</sup> Sobre a índole litúrgica do Apocalipse ver: CABANISS, A., “A Note on the Liturgy of the Apocalypse”, *Interp* 7 (1953) 78-86; SHEPHERD, M. H. *The Pascal Liturgy and the Apocalypse*. London, 1960; GRASSI, J. A. “The Liturgy of Revelation”, *The Bibel Today* 24 (1986) 30-37; VANNI, U., *L’Apocalisse, Una Assemblea liturgica interpreta la storia*. Brescia, Qiqaiion, 1988; do mesmo autor, “Liturgical dialogue as a literary form in the book of Revelation”, *NewTestStud*. 37 (1991) 348-372; “L’annuncio e l’ascolto della Parola di Dio nel contesto della liturgia: la prospettiva dell’Apocalisse”, *RivLitg* 70 (1983) 659-670; PRIGENT, P. *Apocalypse et Liturgie*. Paris, Lausanne, 1981; JÖRNS, K.-P., “Proklamation und Akklamation: Die antiphonische Grundordnung des frühchristlichen Gottesdienstes nach der Johannesoffenbarung”. In BECKER, H., - KACZYNSKI, R., (ed.) *Liturgie und Dichtung*, I, St. Ottilien, 1983; COTHENET, E. “La liturgie dans l’Apocalypse”. In *Exégèse et Liturgie*, Paris, 1988; RUIZ, J.-P., “Betwixt and Between on the Lord’s Day: Liturgy and the Apocalypse”. In LOVERING, R. H. Jr., *SBL Seminar Papers* 31, Atlanta, 1992; VOORTMAN, T. C., and J. A. Du RAND, “The Worship of God and the Lamb: Exploring the Liturgical Setting of the Apocalypse of John”, *Ekklesiastikos Pharos* 80 (1998) 56-67; NUSCA, R. A., “Liturgia e Apocalisse. Alcuni aspetti della questione”. In Bosetti, E., Colacrai, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi, Cittadella Editrice, 2005.

<sup>35</sup> Goulder oferece um gráfico onde dispõe em colunas o calendário das festas judaicas, o Apocalipse e Ezequiel. As leituras dos textos estariam intimamente ligadas entre si e com o período das festas judaicas. Esta linearidade tornou-se possível pelo caráter aglutinador da liturgia (Cf. GOULDER, 1981, p. 353-360). Este tema foi ainda aprofundado por Goulder um outro trabalho. Cf. GOULDER, M. D. *The Evangelist’s Calendar*. London, SPCK, 1978.

O padrão das referências de Ezequiel no Apocalipse indicaria mais que uma acidental similaridade entre os dois textos; o autor do Apocalipse, ao tomá-las, tê-las-ia tornado mais explícitas.

A explicação litúrgica preconiza a possibilidade de o autor do texto neotestamentário ter ouvido as passagens de Ezequiel e as ter interpretado em perspectiva litúrgica. Estas, ao serem introduzidas no texto do Apocalipse, sofreriam um desenvolvimento em semanas litúrgicas sucessivas. O principal foco deste desenvolvimento seria conduzir a uma interpretação de suas visões direcionando-as para a adoração<sup>36</sup>. Desta forma, Ezequiel teria função primordial na arquitetura litúrgica do Apocalipse.

A característica principal da hipótese litúrgica estaria no fato de ambos os livros, Ezequiel e Apocalipse, necessitarem serem lidos *ciclicamente*, ou seja, quem lê um texto, deveria fazê-lo do ponto onde parou o anterior (Cf. GOULDER, 1981, p. 350). O alicerce desta tese encontra-se na divisão do Apocalipse em perícopes de redação litúrgicas que poderiam ser acomodadas à estrutura da profecia de Ezequiel.

Goulder dedica especial atenção aos seguintes textos: Ap 4 e Ez 1; Ap 5 e Ez 2-3,15; Ap 6,1-8 e Ez 5; Ap 6,9 e Ez 6; Ap 6,12-7,1 e Ez 7; Ap 7,2-8 e Ez 9; Ap 8,1-5 e Ez 10; Ap 10,1-7 e Ez 12; Ap 10,8-11 e Ez 2,1-3.15; Ap 11,1s e Ez 40,41-43; Ap 11,8 e Ez 16, 43-63; Ap 14,6-12 e Ez 23,31-35; Ap 17,1-6 e Ez 23,16; Ap 18,9-24 e Ez 26-27; Ap 20,7-10 e Ez 38; Ap 21 e Ez 40-48; Ap 22,1s e Ez 47.

A dependência literária do Apocalipse em relação a Ezequiel, segundo Jeffrey Marshall Vogelgesang (1985), poderia ser demonstrável através; das seguintes situações<sup>37</sup>: o uso de motivos inspirados em Ezequiel; o uso de material de Ezequiel que não aparece em outro texto judaico; de semelhanças verbais entre os textos, indicando mais do que um simples reconhecimento do texto de Ezequiel; e o seguimento da ordem de Ezequiel na

<sup>36</sup> A hipótese litúrgica pode ser assim sintetizada: Ez 1-10 (11) e Ap 4,1-8,5 onde possuiria um tipo de correlação característica de uma harmonização de discursos litúrgicos. Ap 1 (1,10), sugere que a visão do autor neotestamentário ocorre “no dia do Senhor”, ou seja, dentro de um contexto litúrgico. Por último, Ap 1,3 é proposto como um exemplo claro de que a intenção do autor é que o seu livro seja lido em um ambiente litúrgico. Este, de fato, seria, na opinião de Goulder o *Sitz im Leben* de todo o Novo Testamento (Cf. GOULDER, 1981, p. 349-350).

<sup>37</sup> A tese de Vogelgesang pode ser apresentada em quatro pontos essenciais: dependência Apocalipse em relação a Ezequiel; a Nova Jerusalém: Ap 21-22 e Ez 40-48; visão do Trono de Deus: Ap 4 e Ez 1; abertura dos selos: Ap 1; 5; 10 e Ez 1,28b-3,14.

macro-estrutura do Apocalipse<sup>38</sup>. Por fim, Vogelgesang (1985) propõe que os textos utilizados pelo Apocalipse seriam apresentados à luz das tradições apocalípticas<sup>39</sup>.

Partindo da hipótese de uma dependência do Apocalipse com relação a Ezequiel, Vogelgesang sugere os textos de Ez 1,1-3,14 e Ap 1,4-5,10 e Ap 21-22 de Ez 37; 40-48 para análise.

A Nova Jerusalém de Ap 21-22 e Ez 40-48, além de uma dependência literária percebida através das semelhanças entre os dois textos, levaria a uma mudança desconcertante: a figura do Templo central em Ez 40-48 encontraria ausente no Apocalipse, lá estaria a Nova Jerusalém, a Cidade Santa<sup>40</sup>. Esta reorientação teria uma probabilidade mínima de ser acidental. A questão seria compreender por que o autor sagrado desconsiderou o símbolo do Templo em sua descrição da Nova Jerusalém<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> Vogelgesang entende que as semelhanças encontradas entre os dois livros tornam evidentes as relações entre os dois textos. Esta hipótese é sustentada pelo resultado de certos problemas exegeticos como: Ap 4,6b; 5,6 e Ez 1,5 no que se refere à fonte em Ezequiel e as relações entre textos que seguem a mesma ordem (Cf. VOGELGESANG, 1985, p. 24-58, 65-66).

<sup>39</sup> O texto de Ezequiel foi considerado como aquele que tem maior caráter apocalíptico dentre as fontes usadas pelo Apocalipse. Muito embora o autor sagrado distancie-se intencionalmente destas tradições (Cf. VOGELGESANG, 1985, p. 150-170).

<sup>40</sup> São seis os exemplos de transformações apresentados por Vogelgesang: a) Ap 21,13 descreve as direções dos portões da cidade considerando o Texto Hebraico de Ez 42,16-19, onde o Templo é descrito; b) Ap 21,1 descreve a cidade como o lugar da glória de Deus, enquanto em Ez 43,5 a glória de Deus enche o Templo; c) Ap 21,14 descreve as fundações das muralhas da cidade, ao passo que Ez 41,8 menciona as fundações das câmaras laterais do Templo; d) Ap 21,15-17 é a cidade que foi medida, enquanto em Ez 40,3ss, são as várias partes do Templo; e) Ap 21,14-15.17.18-19 descreve as muralhas da cidade, enquanto Ez 40-48 toda menção de muralhas recorre ao Templo; Enquanto o limite entre o sagrado e o profano é estabelecido pelo Templo e suas muralhas em Ez 42,20; 43,8; 44,1-23; f) em Ap 21,27 e 22,14-15, a cidade, com suas muralhas e portões estarão sempre abertas, mas nada de profano ou impuro entrará nela (Cf. VOGELGESANG, 1985, p. 76-78).

<sup>41</sup> A resposta encontra-se baseada em dez pontos: a) Ap 21,3 refere-se a Ez 37,26-27, porém modifica de modo significativo sua fonte; b) Ap 21,10; 22-1-2 modifica a perspectiva de Ez 40,2 situando a Nova Jerusalém em uma planície e não mais sobre o Monte Sião, por esta razão, Vogelgesang interpreta esta modificação como um sinal da “democratização” que o autor neotestamentário faz de Ezequiel, tornando a cidade acessível; c) Ap 21,11 e outros textos indicam que toda a cidade desce da glória de Deus como um brilhante com todo esplendor, considerando que a glória de Deus retorna ao templo de Ez 43; d) Ap 21,16-17 apresenta a cidade com dimensões substancialmente maiores do que aquelas da cidade de Ezequiel. Vogelgesang observa que as medidas da Jerusalém Celeste correspondem à dimensão do mundo helenista.; e) Ap 21,12.17-18 e Ez 42,40; 43,8 o autor sagrado transformou a função que inspirou Ezequiel ao conceber a Nova Jerusalém; f) Ap 21,19-20 ecoa Ez 28,13, quando aborda a descrição das jóias do rei de Tiro, mas sem alterar o seu significado; g) Ap 21,3 transfere a inspiração do Templo de Ezequiel para a Nova Jerusalém; h) Vogelgesang argumenta que o autor sagrado altera o

A consequência desta reorientação teria como objetivo uma “democratização” do privilégio que Ezequiel aplicou tão somente a Israel. Esta releitura traria uma universalização da visão de Ezequiel da Nova Jerusalém e um radical redirecionamento de Ez 40-48.

Esta democratização poderia ser encontrada também em Ap 4. Nesta seção, a dependência literária de Ez 1 estaria em diálogo com uma série de outros textos e outras tradições literárias recebendo, também destas, suas inspirações. A democratização aliada a uma desmistificação na experiência revelatória introduzida pelo autor do Apocalipse dar-lhe-iam uma maior sobriedade.

Com este pressuposto, Vogelgesang (1985) faz um reexame detalhado da reinterpretção de Ez 1 em Ap 4, considerando que os procedimentos utilizados seriam variados: condensação, ecleticismo, abreviação, concretização e simplificação e consciente alteração de matizes de detalhes (Cf. VOGELGESANG, 1985, p. 169-187).

Vogelgesang demonstra especial atenção com relação ao modo de utilização e o impacto da literatura *merkabah*<sup>42</sup> e *hekhalot*<sup>43</sup> no Apocalipse. O autor sagrado compreenderia bem estas tradições e possuiria acesso a elas. No entanto, teria imposto a estas alterações deliberadas<sup>44</sup>. Sendo assim, o emprego das tradições *merkabah* e da profecia de Ezequiel estariam de acordo com o conceito de democratização proposto por Vogelgesang.

---

ambiente campestre de Ez 40-48 para um ambiente urbano em Ap 21,9-22,5; i) o autor sagrado emprega os modelos das cidades Helenistas e Romanas em acréscimo a Ez 40-48, na formulação de sua ideia de Nova Jerusalém; j) a Nova Jerusalém é apresentada como a “Babilônia redimida” (Cf. VOGELGESANG, 1985, p. 73-113).

<sup>42</sup> A tradição *merkabah* (trabalho ou feito) é uma antiga prática mística de ascensão celestial associada à visão de Ezequiel da carruagem divina e do Trono da Glória no céu (Cf. UNTERMAN, 2003, p. 160). Vale destacar que com a tese de uma “democratização” da *merkabah* o autor do Apocalipse distancia-se dos desvios desta tradição que entendia uma proximidade entre este mundo e a esfera transcendente. Diverge também quanto à acessibilidade ao Trono divino por meio de jejuns e outras práticas.

<sup>43</sup> A respeito desta literatura ver: HALPERIN, D. J. *The Faces of Chariot. Early Jewish Responses to Ezekiel's Vision*. In *Texte und Studien zum Antiken Judentum* 16; MOHR, J. C. B., SIEBECK, P., 1988. Ver também “*Merkabah Midrash in the Septuagint*”, *JBL* 101 (1982), p. 351-363.

<sup>44</sup> Exemplo desta tradição apocalíptica *merkabah* pode ser encontrado em Ap 4,1; 1Enoc 14,16; Ascensão de Isaías 6,9 no entanto, com uma distinção, o visionário possui o privilégio exclusivo de ver aquilo que a porta oculta, na visão do autor sagrado, a porta permanece aberta facultando acesso a todos (cf. Ap 21,25). Já a tradição apocalíptica *merkabah* o autor crê que a simplificação do cosmos foi consciente da parte do autor sagrado tendo como finalidade pôr em evidência a distância entre o mundo humano e divino. Pode-se ainda dizer que o autor sagrado distancia-se desta tradição por mostrar o acesso ao trono destituído de obstrução (Cf. VOGELGESANG, 1985, p. 263-277).

Estas alterações seriam o ponto chave para a compreensão do gênero apocalíptico presente neste último livro do Novo Testamento (Cf. VOGELGESANG, 1985, p. 282-300). O Apocalipse seria um livro “anti-apocalíptico”<sup>45</sup> tendo em vista as transformações deliberadas deste gênero aplicadas pelo seu autor. A mensagem tornar-se-ia mais abrangente, universalmente acessível e inteligível para todos os que tivessem contato com a mensagem contida no livro. A motivação desta mudança estaria na Cristologia encontrada em Ap 1; 5; 10 e nos contatos com Ez 1,28b-3,14, dentre outros<sup>46</sup>.

A alteração da linguagem profética na perícopie de Ap 16,17-19,10, despertou o interesse de Jean-Pierre Ruiz (1989). Segundo este autor, neste texto, ocorreria uma mudança na linguagem profética do texto fonte: a metáfora da prostituta, da besta e de Babilônia.

A terminologia cúltica, fórmulas litúrgicas e hinos doxológicos formariam uma tríplice sustentação para o trabalho de Ruiz. O Apocalipse deveria ser lido e compreendido na liturgia da Igreja, por ser este o seu ambiente vital por excelência.

A contribuição de Ruiz está na figura e no papel do leitor-ouvinte. Este seria responsável por interpretar o que é lido no Apocalipse dentro do contexto litúrgico. O leitor estabeleceria um diálogo com o texto e com o texto dentro do texto. Será a partir deste diálogo entre o texto e seus intérpretes que o sentido polissêmico e profundo das palavras do texto virão a lume.

Sendo assim, se antes o texto de Ezequiel era compreendido sob uma perspectiva, agora há uma nova forma para ler e compreender esta profecia. O leitor passaria a ser o fator determinante do significado de um texto. No campo metafórico, este diálogo com o texto e com o texto dentro do texto, tornar-se-ia ainda mais fecundo. A não percepção deste diálogo entre textos causaria uma perda da compreensão do texto final. Portanto, a chave hermenêutica do Apocalipse seria dada à comunidade, aos leitores-ouvintes, os legítimos intérpretes do texto.

<sup>45</sup> Quando Vogelgesang descreve o Apocalipse como um livro “anti-apocalíptico” refere-se à transformação deliberadamente imposta a este gênero para significar uma nova mensagem, contrária ao que o gênero apocalíptico, normalmente, significa.

<sup>46</sup> Neste ponto, Vogelgesang discorda de Beale que considera este contexto baseado sobre a estrutura de Daniel. Para o autor, porém, os textos de Ezequiel e Daniel adquirem novo significado que os tornam mais aquecíveis. Esta mesma tese já foi proposta por Adela Yarbro Collins que considera estes textos carentes de uma melhor explicação.

A pesquisa de Steve Moyise (2001a) sobre o Apocalipse caracteriza-se pela mudança de método de trabalho. Até o presente momento, a pesquisa dedicara-se a uma abordagem que prestigiava mais a exegese, Moyise propõe uma metodologia cuja ênfase encontra-se na hermenêutica, a *intertextualidade*<sup>47</sup>. A teoria da intertextualidade foi empregada como um recurso para melhor compreender o modo pelo qual o autor sagrado se apropria dos elementos do Antigo Testamento e os aplica em um outro contexto literário, dando-lhes novos significados ou nova compreensão.

Os novos significados teriam sua origem na intenção autoral e no leitor. O autor do Apocalipse, ao transplantar o texto de Ezequiel para o Apocalipse, não o teria feito como um decalque. O texto teria sofrido um processo de reelaboração. Com este procedimento, o conceito dependência literária tornar-se-ia livre de uma visão escravizante e concederia ao autor sagrado uma independência para transformar significados e imagens.

A transformação de significados de um texto foi estudada a partir dos c. 4-5, onde o Cristo é apresentado simultaneamente como um Leão e um Cordeiro. Esta imagem seria chave para compreender a hermenêutica de substituição elaborada pelo autor do Apocalipse. O leitor seria convidado a estabelecer uma substituição de uma ideia pela outra.

A hermenêutica de substituição, segundo Moyise (2001), poderia ser observada em Ap 4 quando este recorre a muitos textos veterotestamentários da visão do Trono (cf. 1Rs 22; Is 6; Ez 1; Dn 7), a tradições de Qumran e do misticismo da merkabah<sup>48</sup>, mas o recurso a Ezequiel predominaria nesta visão.

Esta hermenêutica de substituição ocorreria principalmente em Ap 5,5-6, onde o Cristo foi comparado a um *Leão* e a um *Cordeiro*. Por isso, a partir da composição do Apocalipse, nos textos antigos onde anteriormente se lia leão, agora, dever-se-ia ler cordeiro e no lugar de vitória do Messias, a vitória pela cruz<sup>49</sup>. No Apocalipse, o Cristo crucificado retratado como um Cordeiro eleva a imagem do messias conquistador de Gn 49,9-12, onde se tem a

<sup>47</sup> Não entraremos em detalhes sobre esta nomenclatura neste momento. No terceiro ponto deste primeiro capítulo teremos um espaço próprio para esta análise.

<sup>48</sup> Moyise ressalta semelhanças entre estas tradições e Ez 1, porém com notáveis mudanças. As rodas que Ezequiel contempla poderiam estar aproximadas à carruagem de fogo que se move pelos céus tão peculiares às especulações de Qumran e da merkabah. O autor do Apocalipse, porém, eliminou este aspecto da visão.

<sup>49</sup> Esta tese foi defendida também por Caird. Cf. CAIRD, G. B., *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine*. London, A & C Black; New York, Harper & Row, 1966, p. 75.

figura do Leão com menção a Judá<sup>50</sup>. Ap 5,5-6 teria sido deixado em “estado de tensão” pelo autor sagrado, para forçar o leitor a interpretar as imagens propostas<sup>51</sup>.

Esta análise indicaria que a presença do corpo profético e das tradições do Antigo Testamento no Apocalipse se daria de maneira orgânica<sup>52</sup>, corroborando a noção de intenção do autor e esta seria decisiva para a compreensão do significado do texto (Cf. MOYISE, 1995, p. 120).

A intenção do autor e a capacidade de apreensão do leitor seriam decisivas para a compreensão da Cristologia impressa nos capítulos 4-22 (MOYISE, 2001c, p. 35)<sup>53</sup>. O texto estaria em um estado de tensão e, por isso, apresentar-se-ia de forma não evidente. Somente aquele que traz consigo a noção proposta pelo texto atual, bem como pelo texto antecedente, seria capaz de compreendê-lo. Em outras palavras, o leitor deveria possuir em sua memória os textos do Antigo Testamento ou do Novo Testamento aludidos pelo autor sagrado e, deste modo, poderia estabelecer os contatos necessários para interligar os diversos temas que o autor apresenta de forma velada combinando textos e símbolos. Teríamos assim, um diálogo do texto com outros textos e dentro do próprio texto. Por isso, a partir de Moyise, a intertextualidade criaria um espaço para a análise do contexto do Antigo Testamento no Novo Testamento, particularmente no Apocalipse.

Um exemplo destas mudanças impostas ao texto antecedente seria Ez 37-48 e sua apreensão em Ap 20-22. Neste último, a descrição da Nova Jerusalém envolveria uma rede complexa de insinuações, de surpreendentes omissões do

<sup>50</sup> Nesta perícopé Bauckham entende que existe uma linguagem militar, como também em 22,16 (Cf. BAUCKHAM, 1993, p. 233). Segundo Moyise, o autor sagrado não repudiaria a apocalíptica militar, mas lança mão deste recurso militar em um sentido não-militar. A vitória final estaria pautada na não-violência, ela teria sua origem na escatologia. O mal será vencido pela via da não-violência, pela intervenção de Deus (Cf. MOYISE In MOYISE (ed.), 2001b).

<sup>51</sup> Semelhante é o caso de Ap 1-2, a visão inaugural onde a escritura foi construída e modelada sobre Dn 10,5-6 e suplementada por Jz 5,31; Is 11,4; 49,2 e Ez 1,24. A imagem descrita a partir desta amalgama de textos não é desconhecida pelos leitores eles são capazes de desvelar o personagem e reconhecer nele o Cristo; possuem uma concepção da pessoa de Jesus, fizeram uma experiência pessoal, portanto a visão apresentada possui uma nova luz de interpretação agregada às tradições sobre a transfiguração do Senhor (Mt 17,2). O presente conhecimento torna-se luz que ilumina e interpreta a visão.

<sup>52</sup> Este argumento segue a opinião de Bauckham (1993, p. 230).

<sup>53</sup> Moyise considera a intenção do autor um meio útil para a compreensão do Apocalipse, além disto seria um critério para decidir se o Apocalipse oferece um significado novo a textos velhos (Moyise) ou simplesmente dá a textos velhos uma significação nova (Beale)?

autor sagrado do Templo de Deus, ou melhor, ele não omitiria simplesmente, transferiria isto em sua descrição da Nova Jerusalém. No texto de Ezequiel mede-se o Templo, no texto do Apocalipse a cidade é que será medida; em Ezequiel a glória de Deus enche o Templo, no Apocalipse a glória de Deus enche a cidade<sup>54</sup>.

Moyise destaca ainda que os textos de Ezequiel mantiveram a mesma seqüência no Ap: Ez 1 e Ap 4; Ez 9-10 e Ap 7-8; Ez 16 e 23 e Ap 17; Ez 26-27 e Ap 18; Ez 37-48 e Ap 20-22. Apesar disto, considera difícil perceber qual livro seria mais influente em relação aos outros. De fato, não seria intenção do autor do Apocalipse preterir ou preferir uma fonte em detrimento de outras.

A mesma ênfase no estado de tensão em que se encontram os textos do Antigo Testamento no Novo Testamento, sinalizada por Moyise, marca também o estudo de Paul Decock (1999, p. 373-410). A intertextualidade seria um espaço onde se poderia explorar o permanente estado de tensão entre o contexto antigo e o novo. Com isto, Decock distanciar-se-ia das abordagens tradicionais que, de modo geral, considerariam a dependência de Ezequiel extinta logo quando o autor sagrado encerra a composição de seu texto (Cf. DECOCK, 1999, p. 404).

A intertextualidade teria sido utilizada por alguns como um instrumento em muito semelhante às antigas pesquisas do modelo tradicional de fontes e como influência segundo a crítica de Alison Jack (1999). A intertextualidade, para Jack, destinar-se-ia a compreender o modo pelo qual um texto assimilaria um outro que lhe é anterior e que teria neste novo texto a plenitude de seu significado. Para tanto, ela apresenta um estudo de Ez 37 e seu uso em Ap 11 e o texto de 4Q385 e conclui que a mensagem de Ezequiel de conforto teria sido transformada em recompensa divina para aqueles que sofrem por permanecerem fiéis (Cf. JACK, 1999, p. 124).

A via da intertextualidade foi considerada por Sverre Bøe (2001) como a mais plausível para descrever o uso de Ez 38-39 por Ap 19,17-21; 20,7-10. Para tanto, considera as transferências de nomes, temas e motivos de um contexto para o outro. Concorde que os c. 40-48 de Ezequiel foram usados pelo autor sagrado como meio de realçar o fato de a cidade escatológica não

<sup>54</sup> Segundo Fekkes, a estrutura de Ap 21,1-22,5 estaria alicerçada no texto de Isaías, porém não de maneira exclusiva, outros textos do Antigo Testamento que expressam oráculos de salvação escatológica cuja temática é a nova criação, a aliança, o templo e a nova Jerusalém estariam presentes simultaneamente nesta estrutura, donde conclui ser a imagem nupcial o cerne da evocação do autor sagrado sobre a nova Jerusalém (Cf. FEKKES, 1994, p. 120).

possuir um templo e reivindica que recurso semelhante foi empregado no uso do material de Gog.

Os textos de Ez 38-39 e Ap 19,17-21; 20,7-10 possuem, segundo o autor, semelhanças relacionadas a nomes, tamanho do exército, um período anterior de paz, Deus como o vencedor sem participação humana, incêndio do céu, além de coincidências de vocabulário como o exército que é reunido e parte para a batalha. Porém, também há diferenças significativas como a introdução de Satanás, Magog como um antagonista adicional e o fato de a batalha ser seguida pelo julgamento final. Não fica claro se o autor opta pela tensão dialógica ou por uma desconstrução dos textos anteriores.

Apesar de o procedimento intertextual ter sido concebido por outros pesquisadores como o mais adequado para o estudo do Apocalipse (Cf. DECOCK, 1999; JACK, 1999; BØE, 2001), David Mathewson (2003), por sua vez, não emprega a teoria literária da intertextualidade preferindo trabalhar com a noção de tensões, de interações entre os textos do Antigo Testamento e do Apocalipse. Estas poderiam ser detectadas em Ez 40-48 quando integrado em um novo contexto de Ap 19-22, quando receberiam a interação de outros textos proféticos que abordariam o tema da escatologia em toda a cidade formando um complexo de mútua interpretação textual. De modo mais genérico encontramos as insinuações contínuas de uma multiplicidade de textos onde o autor sagrado cria uma pluralidade de efeitos semânticos e associações articulando a esperança em uma salvação escatológica.

Em síntese:

O estudo de uma dependência literária do Ap com relação a Ezequiel predominou nas últimas décadas do século passado. Vanhoye marcou a pesquisa ao estabelecer critérios para decodificar o modo como o texto de Ezequiel foi assumido pelo Apocalipse. A gradação pode oscilar entre a simples presença de uma expressão até perícopes maiores. A genialidade do autor poderia ser percebida em cada um destes modos de apreensão do texto mais antigo, pois em cada um dos critérios o autor interfere no texto e o remodela no novo texto. Particularmente, este efeito poderia ser decodificado em Ap 20-22 e Ez 40-48.

A intenção do autor seria a causa principal destas alterações. Estas se dariam de forma ordenada e atrelada ao escopo teológico do texto do Apocalipse.

A ordenação do autor sagrado ao usar os textos proféticos foi percebida também por Goulder, porém o critério ordenativo na escolha de textos veterotestamentários poderia ser entendido sob o prisma da liturgia. A estrutura do Apocalipse estaria plasmada sobre a semana litúrgica e as festas do calendário judeu-cristão. Esta característica faculta uma leitura cíclica dos livros. Em cada semana uma leitura de Ezequiel sucede a do Apocalipse e as duas dentro do contexto das festas judaicas possibilitariam uma visão mais ampla do motivo da presença de um texto dentro de outro texto e dentro do contexto litúrgico. Este tornar-se-ia o ambiente natural para a meditação e compreensão do próprio texto.

A democratização e desmistificação formam o cerne da pesquisa de Vogelgesang sobre a dependência literária entre Ezequiel e o Apocalipse, entre Apocalipse e as tradições da mística judaica. A democratização foi particularmente aplicada a Ez 40-48 e Ap 20-22, quando são ampliadas as imagens de Ezequiel com vistas a atingir um maior número de beneficiados. Os privilégios de uma nação são agora de toda a nação redimida pelo evento da cruz.

As tradições judaicas da merkabah encontrariam na desmistificação um depurador que refrearia todo exagero a ela peculiar, permitindo apenas a entrada de elementos que interessavam à natureza ascética da intenção do autor. A intenção do autor neotestamentário e a liberdade do autor possuiriam a função de controladores diante da abrangência de material disponível.

Em uma linha mais hermenêutica, Ruiz parte do contexto litúrgico e de uma linguagem múltipla e infinita de significados decorrentes da interpretação dos leitores/ouvintes do Apocalipse. O leitor do Apocalipse é convidado a estabelecer um diálogo com o texto e como texto dentro do texto.

Ap 19,1-10 seria uma evidência deste procedimento, pois os leitores serão participantes na interpretação do livro e não meros espectadores do drama apresentado diante deles. Quando esta percepção não for possível, em decorrência da falta de conhecimento dos textos veterotestamentários presentes no novo texto, o leitor padecerá o ônus da não compreensão do texto a ele oferecido.

O procedimento intertextual introduzido no estudo do Apocalipse tornou mais visível o modo como o autor do Apocalipse tomou os textos do Antigo Testamento e os aplicou ao Novo Testamento. Moyise segue seus antecessores quando diz que a intenção do autor é a grande responsável pelas mudanças

impostas ao texto de Ezequiel no Apocalipse. Esta seria também a causa dos novos significados e da nova compreensão que receberam no texto do Apocalipse. O dado novo poderia ser indicado através da chamada hermenêutica de substituição, que afetaria não só os textos veterotestamentários envolvidos na perícopes, como também as tradições judaicas e Qumrânicas a que o autor do Apocalipse tivesse tido acesso.

O leitor/ouvinte e a intenção do autor seriam os elementos necessários para compreender a seção de Ap 4-22. O texto permaneceria em estado de tensão, no sentido de aguardar que aquilo que ele porta venha a ser aprendido pelo leitor. Para isto, o conhecimento prévio dos textos é imperativo.

A intertextualidade abriria uma perspectiva na leitura/compreensão dos textos e permitiria perceber um texto mais antigo ainda vivo no novo texto e as implicações deste diálogo entre textos para o próprio texto e para o leitor. A vivacidade do texto antecedente no mais recente ofereceria à intertextualidade a capacidade de “reavivar” textos considerados estagnados pelo fato de terem sido usados em outros textos.

## Referências

- ATKINSON, K. *An Intertextual Study of the Psalms of Solomon: Pseudepigrapha*. Lewiston, The Edwin Mellen Press, 2001.
- BAUCKHAM, R. *The Climax of Prophecy*. Studies on the Book of Revelation. Edinburgh, T & T Clark, 1993, p. 233.
- BEALE, G. K. *The Use of Daniel in Jewish Apocalyptic Literature and in the Revelation of St. John*. Lanham, University Press of America, 1984a.
- \_\_\_\_\_. “The Influence of Daniel Upon the Structure Theology of John’s Apocalypse” *JETS* 27 (1984b), p. 413-423.
- \_\_\_\_\_. *The Book of Revelation*. Eerdmans Publishing Company, 1999, p. 87.
- BØE, S. *Gog and Magog. Ezekiel 38-39 as Pre-text for Revelation 19,17-21 and 20,7-10*. Tübingen, Mohr Siebeck, 2001.
- COLLINS, A. Y. “Introduction: Early Christian Apocalypticism”, *Semeia* 36 (1986), p. 1-11.
- COMBLIN, P. *Le Christ dans l’Apocalypse*. Paris, Desclée, 1965.
- DECOCK, P. B. “The Scriptures in the Book of Revelation”, *Neotestamentica* 33, 1999, p. 373-410.
- DEIANA, G. “Utilizzazione del libro di Geremia in alcuni brani dell’ Apocalisse”, *Lateranum* 48 (1982), p. 125-137.

- FEKKES, J. *Isaiah and Prophetic Traditions in the Book of Revelation. Visionary Antecedents and their Development*. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. “His Bride Has Prepared Herself: Revelation 19-21 and Isaian Nuptial Imagery”, *JBL* 109 (1990), p. 269-287.
- FEUILLET, A. “Le Cantique des Cantiques et L’ Apocalypse. Étude de deux réminiscences du Cantique dans l’Apocalypse johannique”, *RSR* 49 (1961), p. 321-353.
- \_\_\_\_\_. “La mystique nuptiale et la réponse de l’homme à l’amour divin d’après Ap 3,20 et Ct 5,2-5”, *Carmel* 41 (1986), p. 2-14.
- GANGEMI, A. “L’utilizzazione del Deutero-Isaia nell’Apocalisse di Giovanni” (1ª parte) *Euntes Docete* 27 (1974), p. 109-144.
- GOULDER, M. D. “The Apocalypse as an Annual Cycle of Prophecies”, *NewTestStud* 27 (1981), p. 342-367
- HAAS, Lee. “Bibliography on Midrash”. in *The Study of Ancient Judaism. I. Mishnah, Midrash, Siddur*. NEUSNER, J., (ed.) Atlanta, Atlanta Scholars Press, 1992, p. 193.
- HOLTZ, T. *Die Christologie der Apokalypse des Johannes*. Zweite, Akademie-Verlag-Berlin, 1962.
- JACK, A. *Texts Reading Texts, Sacred and Secular*. JSNTSup 179. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1999.
- LE DEAUT, R. “A propos d’ une definition du midrash”, *Biblica* 50 (1969), p. 395-413;
- MARCONCINI, B. “L’ utilizzazione del TM nelle citazioni isaiane dell’ Apocalisse”, *RivB* 24 (1976), p. 113-136.
- MATHEWSON, D. *A New Heaven and a New Earth. The Meaning and Function of the Old Testament in Revelation 21.1-22.5*. JSNTSup 238. Sheffield, Sheffield Academic Press, 2003.
- MOYISE, S. *The Psalms in the New Testament*. London, New York, T&T Clark, 2004.
- \_\_\_\_\_. *The Old Testament in the New*. London, Continnum, 2001a.
- \_\_\_\_\_. “Does the Lion Lie down with the Lamb?” In MOYISE, S. (ed.) *Studies in the Book of Revelation*. Edinburgh & New York, T & T Clark, 2001b.
- \_\_\_\_\_. *The Old Testament in the Book of Revelation*. JSNTSup, 115. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1995, p. 120.
- \_\_\_\_\_. “Authorial Intention and the Book of Revelation”, *AUSS* 39 (2001c), p. 35-40, 35.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27ª. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 2001.
- NEUSNER, J. *Midrash in Context. Exegesis in Formative Judaism*. Philadelphia, Fortress Press, 1983, p. 197-207.
- PORTON, G. G. “Defining Midrash”. In *The Study of Ancient Judaism. Midrash, Mishnah, Siddur*. NEUSNER, J. (ed.), New York, KTAV, 1981, p. 55-92.
- RUIZ, Jean-Pierre. *Ezekiel in the Apocalypse: The Transformation of Prophetic Language in Revelation 16,17-19,10*. Frankfurt; New York, Peter Lang 1989.

- STRACK, H. L. & STEMBERGER, G. *Einleitung in Talmud und Midrasch*, 7. München, C. H. Beck, 1982.
- TORIBIO CUADRADO, J. F. “La recepción de Dn 7,13 en Ap 1,7”, *Mayéutica* 18 (1992), p. 9-56; “Apocalipsis 4-5. Díptico litúrgico de creación y redención”, *Mayéutica* 22 (1996), p. 9-65.
- UNTERMAN, A. *Dictionary of Jewish Lore & Legend*. London, Thames and Hudson, 1991. Traduzido por Paulo Geiger, *Dicionário Judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 160.
- VANHOYE, A. “L’ utilisation du livre d’ Ézéchiél dans l’ Apocalypse”, *Biblica* 43 (1962), p. 436-476.
- VOGELGESANG, J. M. *The Interpretation of Ezekiel in the Book of Revelation*. Cambridge, Harvard University, 1985.
- WRIGHT, A. G. “The Literary Genre Midrash”, *CBQ* 28 (1966), p. 105-138.